Bem-Te-Vi

Fevereiro 1934

COMO UM MENINO FOI SAUDADO PELO PRESIDENTE DA ARGENTINA

Era sábado e Raul não tinha aulas ; êle acordára bem cedo e fôra á praia com Aldo, seu irmão mais velho. Voltando á casa vestiram-se com cuidado. Nessa manhã o General Agustin P. Justo, Presidente da Republica Argentina, chegava ao Rio de Janeiro, e a mãe de Aldo e Raul tinha prometido levá-los á cidade para assistir á chegada do ilustre visitante.

— Aldo, disse Raul, vou comprar bandeirinhas, uma argentina e uma brasileira, com o dinheiro que ganhei ôntem de titio.

— Para que? replicou Aldo. Pois eu, vou guadar o meu dinheiro para outra coisa melhor.

Porém Raul não desistiu da sua idéia, e minutos depois agitava radiante as suas duas bandeirinhas. Uma, verde, amarela, azul e branca, que êle amava tanto e conhecia tão bem, a outra, azul e branca, com um sol sorridente, que êle achava tão bonita e da qual já estava gostando.

A caminho da cidade, enquanto o ônibus rodava ligeiro pelas lindas avenidas, que se estendem ao longo das praias da formosa Baía da Guanabára, Raul fazia mil perguntas á sua mãe.

— Mamãe, o que é que o Presidente Justo vem fazer aqui?

— Vem fazer uma visita de amizade ao Brasil, meu filho, e tratar de aumentar e melhorar as relações entre o seu país e o nosso país.

Chegando á Avenida Beira-Mar encontraram-na já cheia de gente, que se comprimia animada para saudar o Presidente da Republica irmã, agitando milhares de bandeirinhas brasileiras e argentinas. Aviões do Exercito faziam belas e arriscadas evoluções sobre a cidade, enquanto os raios de um sol glorioso banhavam-na de luz e davam animação ao povo.

Aldo, Raul e sua mãe conseguiram um lugar na primeira fila, perto do obelisco, na entrada da Avenida Rio Branco. Estavam parados alí havia apenas alguns minutos quando ouviram o ruido das motocicletas que precediam e escoltavam o automovel do General Justo, e as aclamações : "Viva o Presidente Justo!" "Viva a Argentina" "Viva o Brasil!" "Viva a paz sul-americana!"

Pouco depois assomava o automovel do Presidente. Este vinha de pé no carro, agradecendo sorridente as homenagens sinceras e entusiasticas do povo. O carro foi-se aproximando lentamente ; o menino pôs-se na ponta dos pés para ver melhor. Ele sentia que seu coração ia explodir de entusiasmo, e não se conteve : agitando frenéticamente as duas bandeirinhas que tinha na mão, gritou com toda a força dos seus pulmões :

— Viva o Presidente Justo! Viva a Argentina!

Ao redor estrugiram palmas. O homem alto e simpático que vinha de pé no automovel, olhou para Raul, deu-lhe um sorriso amavel e fez-lhe uma linda continencia! Com êsse gesto do Presidente da Argentina, redobraram o entusiasmo e as aclamações entre o povo. E mais do que nunca os nomes da Argentina e do Brasil estiveram irmanados em perfeita harmonia e amizade.

E Raul abraçava a sua mãe, orgulhoso e satisfeito.

Bem-Te-Vi

4 X U
* F OIL

ANO XII — N.º 2
REVISTA MENSAL

RUA DA LIBERDADE, 117
CAIXA POSTAL, 3120

ASSINATURAS
ANUAL . . . 10$000
AVULSO. . . . . 1$000

Redatoras:
NANCY R. HOLT e
STELLA S. RACY

SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 1934

Gerente:
JOÃO SILVEIRA HOLLAND

Se, ao frio e á chuva, em permanente lida,
Trabalhavas com fé, cheio de ardor,
E' que de mim, de minha mãe querida,
De meus irmãos te aviventava o amor.

Enchendo o nosso lar de beneficios,
Pondo estorvo á dôr, dando prazer;
Só Deus pode contar os sacrificios
Que por nós tanto amor soube fazer.

Meu pai, se com amor, amor se paga,
Que imenso aféto deves ter em mim;
Tudo o que encanta, tudo quanto afaga
Quisera dar-te — o meu amor sem fim.

. . . .

Que Deus te dê tais bençãos, tal carinho,
De interminaveis anos através,
Que um tapete de flores o caminho
Pareça sempre desdobrar-te aos pés.

O JOVEM QUE VENCEU NO "LUGAR MAIS PERIGOSO PARA UM RAPAZ"

(Transcrita de "Rastos Luminosos")

"Uma manhã, em S. Paulo, com grande surpresa minha, convidou-me meu pai a ir á cidade e, dirigindo-se a um cartorio de tabelião, mandou lavrar escritura de minha emancipação. Tinha eu dezoito anos. De volta a casa, chamou-me ao escritorio e disse-me: "Já lhe dei hoje a liberdade; aqui está mais êste capital", e entregou-me títulos no valor de muitas centenas de contos.

"Tenho ainda alguns anos de vida; quero ver como você se conduz; vá para Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz. Vamos ver se você se faz um homem; prefiro que não se faça doutor; em Paris, com o auxílio de nossos primos, você procurará um especialista em Física, Química, Mecânica, Eletricidade, etc.; estude essas matérias e não esqueça que o futuro do mundo está na Mecânica. Você não precisa pensar em ganhar a vida; eu lhe deixarei o necessário para viver..."

Que tal, se o joven leitor tivesse um dia a surpresa que Santos Dumont aí nos descreve? Pensarão muitos que, com tais facilidades postas diante de si pelo pai, tambem êles conseguiriam grandes realizações no mundo. Pois enganam-se. Se é dificil alcançar um ideal quando se tem de lutar contra a pobreza e outros contratempos, é-o igualmente, ou mais quando as facilidades são tais e tantas que seduzem a afrouxar os esforços na conquista. E, sabemos todos, sem decididos esforços não há vitoria. Mas o jovem Santos Dumont não deixou que o quadro de uma vida cômoda e facil lhe destruisse o desejo de atividade e recalcasse o espírito inventivo e empreendedor.

Antes de prosseguir, porém, travemos conhecimento mais de perto com êsse moço que, mandado para "o lugar mais perigoso para um rapaz", venceu as seduções da Cidade-Luz e cumpriu o desejo do pai, o qual deve, por certo, ser o de todos os pais para com os seus filhos: "fazer-se um homem".

Alberto Santos Dumont veiu ao mundo no Estado de Minas Gerais, em 1873, e era filho de um fazendeiro que, á custa de esforços ingentes, conseguiu fazer honesta fortuna. Nascéra na cidade de Diamantina e formára-se em engenharia, em Paris. Depois de várias tentativas no Estado do Rio, dedicou-se á lavoura em Ribeirão Preto, no Estado de S. Paulo. Lá ainda se acha ligado o seu nome á vasta fazenda que hoje pertence a uma sociedade inglêsa, a qual dêle a adquiriu.

Ao falar nos êxitos que, merecidamente, coroaram os seus esforços, Santos Dumont, em seu livro "O Que Eu Vi — O Que Nós Veremos", faz um parentese para render um tributo de reconhecimento a seu progenitor: "Durante as minhas horas de intensa alegria e felizes sucessos, só uma saudade me fazia triste: era a ausência de meu Pai. Ele que me dera tão bons conselhos e os meios para realizar o meu sonho, não mais estava neste mundo para ver que eu "me tinha feito um homem".

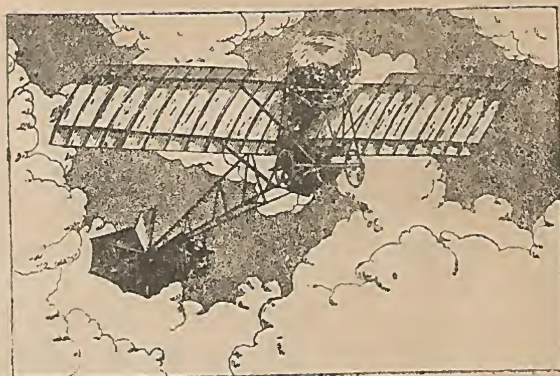
"E' costume oriental fazer recair sobre os pais todo o mérito, toda a

gloria, que um homem conquiste na vida. Esta maneira de ver póde ser criticada ou desaprovada, porém, no meu caso ela seria muito justa, pois tudo devo a meu pai : conselhos, exemplos de trabalho, de audácia, de economia, sobriedade e os meios com os quais pude realizar as minhas invenções".

Santos Dumont desde criança revelava grande pendor para a aeronautica. E um grande estímulo lhe foi, confessa-o êle mesmo, o visionario Júlio Verne, que em seus fantasiosos livros, preconizava o advento do aeroplano e do submarino (naturalmente por méra ficção). A dificuldade, porém, que o perseverante jovem encontrava, era o peso do motor a vapor.

Um dia, estando em Paris, foi visitar uma exposição de máquinas, onde viu pela primeira vez um motor a querozene, da força de um cavalo, muito leve. "Parei diante dêle", diz o proprio Santos Dumont, "como que pregado pelo Destino. Estava completamente fascinado. Meu pai, distraído, continuou a andar até que, depois de alguns passos, dando pela minha falta, voltou, perguntando-me o que havia. Contei-lhe a minha admiração de ver funcionar aquele motor, e êle me respondeu : "Por hoje basta". Aproveitando-me dessa palavra, pedi-lhe licença para fazer meus estudos em Paris. Continuámos o passeio, e meu pai, como distraído, não me respondeu. Nessa mesma noite, no jantar de despedida, reunida a família, entre nós, dois primos de meu pai, francêses e seus antigos companheiros de escola, pediu-lhes êle que me protegessem, pois pretendia fazer-me voltar a Paris para acabar meus estudos. Nessa mesma noite corrí vários livreiros ; comprei todos os livros que encontrei sobre balões e viagens aéreas.

"Diante do motor a petroleo, tinha sentido a possibilidade de tornar reais as fantasias de Júlio Verne".

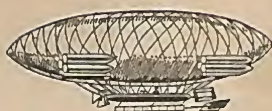
Foi então que o pai do jovem que aspirava competir com Icaro, lhe fez a surpreendente revelação com que iniciámos êste capítulo.

Chegado a Paris, estudou e viajou muito. Por aquele tempo faziam-se muitas experiências com balões, e nosso rapaz acompanhava com o máximo interêsse todas as atividades nêsse sentido.

Um dia mandou construir um balão, relativamente pequenissimo, pois tinha apenas 113 metros cúbicos de volume, sendo o diametro de seis metros. Chamou-lhe "Brasil" e fez com êle muitas viagens.

Concebeu em seguida a audaciosa idéia de subir num balão munido de um motor de explosão. Seus amigos acharam loucura êsse plano, pois o hidrogênio é gaz muito explosivo. Se quisesse suicidar-se, diziam que se sentasse num barril de pólvora em companhia de um charuto aceso.

O jovem não se deixou intimidar, e em fins de 1898 viram e ouviram os parisienses, pela primeira vez, um motor roncando nos ares. Construiu ainda vários balões, cada vez melhores, até que conseguiu, no quinto, a dirigibilidade. A 12 de julho de 1901 fez com êle várias voltas e regressou ao lugar da ascensão, em Longchamps. Com o mesmo aerostato circunavegou a Torre Eiffel — feito que a imprensa noticiou como a solução definitiva do problema da dirigibilidade.

Santos Dumont estava triunfante. De todo o mundo lhe vinham aplausos. Edison, o maior inventor que o mundo conheceu, ha pouco falecido, enviou-lhe, numa fotografia sua, a seguinte felicitação :

"A Santos Dumont,
o Bandeirante dos Ares,
Homenagem de Edison".

Esta façanha, realizava-a o aeronauta em plena mocidade: tinha 28 anos apenas. Em 19 de outubro repetiu a proeza, ganhando então o famoso premio "Deutsch" (oferecido por Deutsch de la Meurthe). Esse prêmio era de 100.000 francos, mas com os juros realizados desde sua instituição, a importancia atingia 129.000 francos.

E que fez o generoso rapaz com êsse vultoso prêmio? Pô-lo no banco? Gastou-o em viagens, banquetes, vícios ou desregramentos? — Longe disso: Distribuiu 50.000 francos entre os mecânicos e operarios que o tinham auxiliado, e o restante entre quasi 4.000 pobres de Paris.

O vencedor não descansou ainda sobre os louros colhidos. Perseverantemente, construiu outros e outros balões, aperfeiçoando-os sempre. O n.º 9 era de perfeição tal que com êle saía a passear quasi todas as tardes e ia aonde quisesse.

Depois de tanto sucesso com a navegação em balões, Santos Dumont se empenhou de corpo e alma na solução do problema do "mais pesado que o ar". Passou tres anos a trabalhar em silencio, sem dizer nada a ninguem. Então, após perseverantes experiências, nas quais o aeronauta não recuava diante dos maiores perigos e mais penosos trabalhos, apresentou-se em público com um aeroplano em que conseguiu voar 60 metros. Mas perdeu a direção e caiu ao sólo. Concertou prontamente o aparelho, e a 23 de outubro de 1906 voou com êle a distancia de 250 metros. Foi êste vôo célebre que lhe valeu os mais entusiásticos elogios, não só da imprensa da França, mas da de todo o mundo. Ficou sendo êsse o "minuto memoravel na história da navegação aérea." Na França erigiram-lhe um belo monumento, em St. Cloud.

Eis a áta que, sobre êsse feito, redigiu, em 1906, a Comissão do Aero Clube de França:

"Bagatelle, 12 de novembro de 1906.

Nós, abaixo assinados, representantes do Aero Clube de França, encarregados de controlar de visu a experiência do aeroplano 14-Bis, construido pelo Snr. Alberto Santos Dumont, de nacionalidade brasileira, formulamos a seguinte áta, isto é, o processo verbal do que vimos.

"Depois da primeira experiência ás 8 horas e 40 minutos, uma segunda experiência foi executada no sentido contrário ao da primeira. Nesta tentativa, depois de um percurso de 200 metros corridos sobre o sólo, o aparelho de Santos Dumont se levantou muito nitidamente. As três rodas do aparelho deixaram de estar em contacto com o sólo. O aparelho subiu a uma altura que os abaixo assinados avaliam em 80 a 90 centimetros e isto num percurso de 270 metros com uma velocidade de translação avaliada em 60 a 63 quilómetros por hora.

O presidente da comissão do Aero Clube,

Archideacon".

(*Continúa no Bem-Te-Vi de Março*)

A CULTURA DE DOMINIO PROPRIO

"Eu sou comandante de minha propria vida!" exclama o homem ou a mulher cujo batel foi guiado na sua infancia por páis com uma visão clara do que é dirigir o inicio da travessia mais importante que se pode empreender. As tempestades das emoções, as ondas da tentação não serão capazes de arrebatá-lo e submergi-lo. Felizes são os páis que ensinam o dominio próprio a seus filhos e abençoados são os filhos que foram assim guiados!

Leva-se uma vida inteira para edificar um caracter. A formação de um caracter não é obra do acaso. Caracter não se ensina; precisa-se evolver. A construção de um caracter exige reflexão, paciencia, compreensão e perseverança. E' só quem por meio de estudo intensivo entende a natureza da criança, que pode guiá-la a desenvolver o dominio de si.

Porém os páis precisam primeiramente olhar para si mesmos. Somos nós, como páis, capazes de nos dominar a nós mesmos? Somos nós mestres da situação, ou estamos apenas nos debatendo no meio das nossas proprias emoções, sem mão firme no leme? Acaso examinamos os padrões de vida réta com firmeza, justiça e bondade? Podemos esperar que nossos filhos adquiram dominio proprio, se não somos senhores de nós mesmos?

Consideremos algumas das coisas que impedem o desenvolvimento do dominio proprio na criança. A falta de compreensão das suas necessidades individuais é a fonte de tantas dificuldades. Os páis são inclinados a regular a vida da criança de acordo com as suas idéias adultas, sem compreender o ponto de vista da criança. Rude e repentinamente interrompemos o seu divertimento e chamamos-lhe a atenção para as suas faltas e a censuramos de ser suja, descuidadosa e barulhenta, e depois não sabemos porque ela fica irritada manifestando uma completa falta de dominio sobre si mesma. E' que nos esquecemos de que os seus divertimentos são importantes para ela; brincar é a sua realidade.

Um pouco de sujeira acumulada durante os folguedos não faz mal, se a crianca já formou o habito de lavar as mãos e o rosto antes das refeições e de tomar um banho antes de se deitar. Naturalmente ás vezes ela é barulhenta. Atividade é a lei da sua existência. O barulho não a incomóda, porém, infelizmente, muitas vezes aborrece aos páis. E' nisso que está a tragedia. Se nós páis déssemos importancia ás coisas fundamentais da vida e aprendêssemos a lição de deixar a criança em paz, dar-lhe-iamos mais oportunidades de crescer e desenvolver-se normalmente.

As crianças estão sempre perto da mãe e essa grande proximidade ás vezes é a origem do seu mal. Elas tornam-se as vitimas da nossa irritação, fadíga e preocupações; servem de convenientes bódes expiatorios das nossas emoções de adultos. As crianças, indefesas e sem compreender o que se passa, simplesmente, recebem o golpe em cheio. Que desafio aos páis que não presumiriam manter tal atitude para com os da sua idade e do seu tamanho!

Muitas vezes a falta de dominio proprio, a disposição irascivel, é causada por caçoadas. Os páis, um parente, ou uma criança mais velha, consideram a caçoada um pequeno divertimento inofensivo. Até sentem prazer em ver as reações que provoca. A criança, zangada e desgostosa, é levada a cair na choradeira, a responder rudemente ou a dar até tapas, para exprimir a sua idéia de injustiça. A criança de quem se caçoa não tem a menor oportunidade de cultivar o dominio de si mesma. Geralmente fica de máu humor e zangada. Isso cria discordia e atritos no lar. Além disso destrói toda a beleza da sua vida. O efeito mental é ruím; dá-lhe uma impressão errada da vida.

Os páis perguntam: "Como posso ensinar o meu filho a dominar o seu genio?" Nos primeiros anos **prevenção** é a palavra magica. A cólera e a impaciencia são em grande parte questão de hábito. Um pouco de impaciencia no começo da vida, tendo oportunidade de exercitar-se constantemente, não tarda a desenvolver-se em genio irascivel de consideravel magnitude, e assim torna-se um problema. Muitas irritações desnecessarias pódem ser afastadas da vida da criança e o contentamen-

to e o bom humor tornam-se habituais, sem esforço consciente por parte da criança. Isto é apenas ser justo para com a criança. E' um seu direito que não se lhe deve recusar.

Algumas das qualidades da criança geniosa são boas, tais como a persistencia, atividade, independencia propria e força de vontade. Ha quem diga que "teimosia na criança é força de vontade no homem". O máu genio é simplesmente a perversão de qualidades desejaveis, uma força cuja energia precisa ser encaminhada para os seus proprios canais. A criança persistente, com educação adequada, póde vir a ser homem que mais tarde na vida não abandona o seu navio, que é fiel, e que, por causa dessa mesma qualidade alcança êxito, onde outro de menos determinação falham. Tenhamos cuidado para não inutilizar ou desencaminhar essas qualidades que podem ser bem utilizadas. Não devemos deixar que elas se desenvolvam desordenadamente, nem que se paralizem e se percam.

Exercitai a vontade. Ensinai a crianca a ter confiança em si mesma. Deixai-a pensar e agir por si mesma, tanto quanto o permitirem a sua idade e a sua sensatez. Dai-lhe oportunidade de ajudar nos preparativos antes da chegada de uma visita, de sugerir algum prato para o almoco, ou de planejar o programa do dia. Dêsse modo, e de muitos outros que a mãe inteligente saberá usar, suas energias serão bem aproveitadas e a criança adquirirá confiança em si mesma.

Estudai os interesses da criança e aprendei a respeitá-los. Dai-lhe oportunidade de fazer as coisas que ela gosta de fazer e pelas quais ela manifesta um talento ou uma inclinação especial. Deixai-a realizar os seus bons desejos.

Deixai a sua vontade livre para fazer algum trabalho de verdade. Encorajai a cooperação. Dizei algumas vezes: "**Vamos** espanar esta sala! **Vamos** guardar os blocos!" dando-lhe assim uma oportunidade para contribuir á vida da casa. Se a criança sentir que faz parte do lar, logo ha de pensar em alguns meios de ajudar na casa sem esperar que lh'os peçam. Uma palavra de aprovação dos esforços da criança, ainda que o resultado não satisfaça, fará muito, porque os esforços que resultam em êxito trazem confiança propria. E o hábito do êxito traz mais êxito

A vida emocional de um homem tem grande influencia sobre a formação do seu caracter. As varias emoções têm os seus efeitos peculiares sobre a personalidade. Elas são muito desejaveis porque sem elas a vida seria uma concha vazia, mas a sua combinação feliz só se consegue por meio de treino paciente dado pelos páis. Estudai as emocões da criança e tratai-a de acôrdo com elas. A criança nervosa precisa de trabalhos e tarefas para educar os seus nervos; a criança apática precisa ser estimulada com novas experiencias e idéias; a criança firme e digna da confianca ás vezes precisa de um estímulo para a sua imaginação. O dominio precisa partir dela mesma. Forcá-la externamente não produz efeito. Edificai a força moral da criança.

Sempre deixai a crianca ir para a cama em paz. E' um erro muito grave discutir á noite com as crianças as suas faltas praticadas durante o dia. E' muito melhor tratar delas no momento em que ocorreram. A criança normal está cansada á noite e tem direito a um descanso completo, que não se póde esperar que ela tenha, se está com os nervos agitados e está excessivamente cansada e irritada. Deixai que os erros do dia de hoje sejam esquecidos. Deixai que a criança espere pelo dia de amanhã com ansiedade e alegria. Deixai que as ultimas impressões gravadas na sua mente e no seu coração antes dela dormir sejam uma voz meiga e um rosto sorridente. As suas primeiras impressões ao acordar devem ser igualmente alegres. Dêsse modo desenvolver-se-ão nela emoções de ternura, compreensão e simpatia — a cadeia dourada que prende páis e filhos.

Os páis devem ser esperançosos, sua fé deve ser forte e inabalavel, seu amor profundo e constante. Deveriam orgulhar-se da sua missão, mas reconhecer com humildade as deficiencias da sua execução. Sejamos fortes e tenhamos bom animo, porque para as crianças

"Cada dia é um novo começo,
Cada manhã um mundo renovado".

"Quanto mais se vive mais se aprende"

(A PEDIDO REPRODUZIMOS ESTA HISTORIA)

— Mas que tristeza! Que hei de fazer? — dizia D. Mariquinhas Lebre, muito aborrecida. Este fogão ordinario fumega, e quanto mais atiço o fogo, tanto pior êle fica. O Pedrinho estará de volta em casa a qualquer momento para jantar e a comida ainda não está pronta.

Efetivamente, logo depois o Snr. Pedrinho Lebre entrou na sala aos pulinhos.

— Que é de meu jantar? Estou com uma fome do Ceará! exclamou êle.

— Pois imagine, Pedrinho, disse D. Mariquinhas já quasi chorando, a comida não está pronta e nem sei quando ficará. Lidei horas e horas com êste fogão velho, miseravel, para fazer fogo, e ele só fumega, fumega.

D. Mariquinhas levou o lenço aos olhos e deu um soluço alto.

— Mariquinhas, meu amor, não chores, não, disse o Snr. Pedrinho com ternura. Vou acender um belo fogo para você, já, já. Eu sempre disse que não ha nêste mundo uma senhora que saiba acender fogo.

E êle enfiou os dedos polegares nas cavas do colete. Parecia muito impressionado com a sua sabedoria e tinha um ar satisfeito.

— Agora, Mariquinhas, venha ver como é que se acende um belo lume neste fogão. Primeiro, você precisa tirar toda a cinza e colocar dentro uma porção de papel. Isto limpa a chaminé velha, que está cheia de fuligem. Depois, o fogão precisa de alguns gravetos bem sequinhos. Lembre-se sempre disso; tudo depende de começar direito pela manhã e de usar combustivel bom. Comece direito de manhã e use combustivel bom, cantarolou o Snr. Pedrinho Lebre; come-ce di-rei-to de ma-nhã...

— Arre, tambem, Pedrinho! Cale a boca! Chega de tanto falar nêsse negocio de começar direito e usar combustivel bom! disse D. Mariquinhas, com impaciência. Já estou cansada disso. Sabe de uma coisa? E' melhor você pôr "o combustivel bom" no fogo, antes de os gravetos virarem em cinzas.

Logo depois ardia um belo fogo, e D. Mariquinhas acabou de fazer o jantar. A comida estava deliciosa; os dois acharam-n'a melhor do que nunca, porque tiveram de esperar por ela tanto tempo.

Alguns dias depois do incidente, o Snr. Pedrinho Lebre voltou para casa com um semblante descomposto, horrivelmente pálido e cançado. Tinha os ombros caídos. Arrastou-se pela casa a dentro e deixou-se cair numa cadeira.

Logo que D. Mariquinhas viu o marido tão pálido e abatido, foi ao telefone e chamou o Dr. Lebre Sabichão.

— Doutor, tenha a bondade de dar um pulinho até aqui, imediatamente, disse ela; o Pedrinho está muito doente.

— Não fiques aflita, D. Mariquinhas; vou já, já, respondeu o medico delicadamente.

D. Mariquinhas ajudou o marido a meter-se na cama e arranjou as cobertas do modo mais cômodo possivel.

Depois vestiu um avental branco, bem limpo, e sentou-se, esperando ansiosamente a chegada do medico.

Não tardou a que ouvisse os passinhos ligeiros do Dr. Lebre. Foi depressa abrir-lhe a porta. Ele estava, como de costume, elegantemente vestido, de cartola na mão, e com aqueles ares de grande capacidade.

— Vamos a ver o que aconteceu com o seu velho, disse o medico logo á entrada, pondo a valise sobre a mesa e assestando os oculos grandes sobre o nariz. Quero ver a sua lingua, Pedrinho. Ponha-a para fóra o mais que puder. Hum, hum, já sei...

Então o Dr. Lebre Sabichão tomou a temperatura do enfermo. Depois de olhar para o termómetro, alisou a barbicha com a mão, repetidas vezes, dizendo:

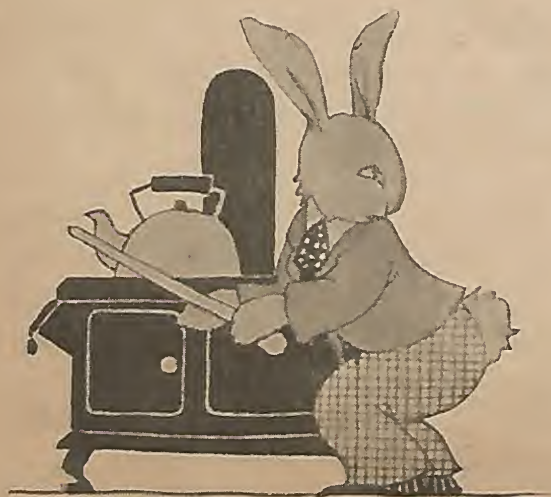
— Hum, hum, já sei...

Em seguida auscultou o peito e as costas do Snr. Pedrinho Lebre. Dando umas batidas e apertando o estomago, disse novamente :

— Hum, hum, já sei...

— Mas, doutor, o que é que sabe? perguntou D. Mariquinhas com ansiedade. Ele vai sarar logo?

— Vai, sim ; Pedrinho ficará logo bom de todo, disse o medico bondosamente. Ele só precisa começar direito de manhã e depois usar combustivel bom

— Começar direito e usar combustivel bom? repetiu D. Mariquinhas devagar, pensando se teria ouvido bem o que o medico disséra.

— Seu fogão está cheio de cinzas e as chaminés com fuligem, disse o medico, dando umas risadinhas abafadas. Precisamos só de uma vassoura dura ou de um canudo de bomba.

— Oh, doutor, está falando sobre o meu fogão? perguntou ansiosamente D. Mariquinhas.

— Não senhora, replicou o medico. Estou me referindo ao fogão de Pedrinho. Pois não sabes que o Pedrinho tem um fogão, que a senhora tem um fogão, que eu tambem tenho um, assim como todo o mundo? O Pedrinho precisa tirar as cinzas do seu fogão todas as manhãs, assim como tambem a senhora e eu precisamos tirar as cinzas dos nossos fogões, todas as manhãs.

— Mas como é que o doutor tira as cinzas do seu fogão? perguntou D. Mariquinhas, que estava cada vez mais confusa.

— Ora, isso é facil, disse o medico ; só o que é preciso é ir á privada todas as manhãs, logo depois do café. Assim a senhora conservará suas chaminés limpas ; não se esqueça disso.

— Mas como se consegue tal coisa, doutor?

— Oh, é tambem muito facil. Tome dois copos de agua pela manhã, em jejum, e mais outros copos durante o dia : o seu fogão ficará limpinho e as chaminés sem fuligem. Tudo depende de começar direito de manhã e usar bom combustivel, disse o medico.

— E qual é esse combustivel bom? tornou D. Mariquinhas, pensando se

poderia gravar na memoria todas as recomendações que o Dr. Lebre Sabichão estava fazendo.

— Tambem isso é coisa facil. Coma bastantes frutas e legumes frescos que são os melhores combustiveis para o seu fogão.

Então o Dr. Lebre Sabichão retirou os grandes oculos, tomou a sua cartola e valise e, cumprimentando gentilmente D. Mariquinhas, foi-se embora.

— Ora, já se viu coisa igual! exclamou D. Mariquinhas, sentando-se numa cadeira. Começar direito de manhã e usar bom combustivel! Logo estarei repetindo isso, mesmo a dormir! Então o Pedrinho tem um fogão, eu tenho um fogão, e na minha cozinha tambem ha um fogão... A gente precisa tirar as cinzas do fogão, conservar a chaminé limpa e usar bom combustivel, se quiser ter um belo fogo de manhã. O Pedrinho precisa tirar as cinzas do seu fogão, conservar a chaminé limpa e usar combustivel bom, se quiser sarar. Todos nós devemos cuidar dos nossos fogões para gozarmos saúde. Ora, ora, ora... "quanto mais se vive, mais se aprende". Deixe estar que ha neste velho mundo coisas bem engraçadas!

Petiscos para os Bem-Te-Vistas

BOLO RAPIDO

1 canéca de manteiga.
2 canécas de assucar mulato.
2 ovos inteiros e 2 gemas.
2 ½ canécas de farinha.
1 colher de chá de cravo.
1 „ „ „ „ canela.
1 „ „ „ „ bicarbonato de soda.
1 „ „ „ „ fermento inglês
½ „ „ „ , sal.
1 caneca de leite azedo.

Bate-se bem a manteiga com o assucar. Acrescentam-se as quatro gemas e as duas claras de ovos bem batidas. Peneiram-se todos os ingredientes sêcos juntos e acrescentam-se alternadamente com o leite. Depois de bem batido põe-se em fôrma untada.

COBERTO

Batem-se bem dois ovos. Acrescentam-se uma canéca de assucar mulato, ½ colher de chá de fermento e ½ canéca de nozes, amendoas ou amendoins picados. Espalha-se sobre o bolo crú e leva-se para assar em forno moderado, por 45 minutos.

Porque os Gatos não gostam de pés molhados

Era uma vez no País das Histórias, um gato muito rico.

Ele era tão rico que podia almoçar peixe todos os dias, sem se preocupar com a conta. Tinha um gato-cozinheiro, que lhe grelhava o peixe e o trazia numa travessa de prata, coberto de molho branco. Tinha uma capa de péles, um *cáche-col* e dois pares de meias de lã para o inverno. Tambem tinha dois pares de galochas e um guarda-chuva verde para os dias de chuva, pois o rico gatinho nunca, nunca tinha posto as suas patas numa póça de agua suja.

Era de se esperar que êle deixasse pelo menos o rabinho do seu peixe, todas as manhãs, para o seu gato-cozinheiro comer. Mas chegou um dia em que êsse gato rico decidiu que até o rabo do peixe lhe pertencia. Porisso comeu-o. Então achou que merecia dois ou mais peixes com rabos e tudo e, finalmente, todos os peixes que nadam, com rabos e tudo, só para si.

Isso era impossivel para o gato-cozinheiro, porisso o gato rico calçou as suas galochas, segurou o seu pequeno guarda-chuva verde, graciosamente, na pontinha recurvada do seu rabo, e saiu para pescar para si mesmo todos os peixes dágua.

Ele nunca tinha estado antes sózinho fóra de casa e não sabia que caminho seguir. Depois de andar um pouco encontrou um sapo verde e o sapo perguntou cortêsmente :

— Quer o senhor ter a bondade de me emprestar o seu guarda-chuva verde? Sou obrigado a ficar aqui fóra na chuva o dia inteiro para apanhar minhocas dos jardins, e a minha roupa nova de primavera está ficando toda húmida e enrugada.

O gato olhou altivamente para o sapo e disse :

— Eu não! Este guarda-chuva verde é meu e preciso dêle, porque vou pescar todos os peixes que existem nágua. Você póde me dizer onde posso encontrá-los?

O sapo parecia espantado, mas fez um gesto indicando o lugar onde as estradas se cruzavam. O gato pôs-se a caminho, segurando cuidadosamente o guarda-chuva verde na ponta recurvada do seu rabo e levantando bem alto os pés calçados de galochas.

Quando chegou ao cruzamento das estradas, o gato encontrou uma galinha cacarejando. A galinha olhava para todas as direções e parecia muito preocupada.

— Quer o senhor ter a bondade de me emprestar duas das suas galochas? perguntou ela ao gato delicadamente. Nesta primavera eu me enganei e choquei ovos de pato em lugar dos meus e os patinhos agora estão a caminho da represa. Quero seguí-los para cuidar dêles, porque são novos, muito inexperientes ; mas duas das suas galochas me ajudariam a andar na lama mais depressa.

O gato rico olhou com desprêzo para a galinha.

— Eu não! disse êle. Estou acostumado a andar sempre com dois pares de galochas. Você espera que eu ande só nas patas traseiras, quando eu tambem estou com pressa? Estou procurando todos os peixes que vivem na agua. Você póde me dizer onde êles ficam?

A galinha parecia desapontada, porque tinha as pênas sujas e os pés carregados de lama, mas cacarejou amavelmente em resposta.

— Siga-me, senhor, aconselhou ela ao gato. Minha família não gosta de pescar peixes, mas talvez eu possa mostrar-lhe onde êles moram.

Assim o gato rico, segurando o seu guarda-chuva bem alto na ponta recurvada do seu rabo e erguendo bastante os seus dois pares de galochas, foi acompanhando a pobre galinha enlameada. Tomaram a estrada que seguia para a direita e atravessaram um grande charco. No outro lado do charco encontraram um pato. Ele parecia estar com muita pressa, no entanto parou e perguntou ao gato:

— Quer o senhor fazer o favor de me deixar andar ao seu lado para aproveitar o seu guarda-chuva? Acabo de ser informado de que ha uma família de jovens patinhos, chocados por engano por uma galinha, lá no lago do moínho sem ninguem para ensiná-los a nadar. Eu vou para lá agora, e nem sequér parei para azeitar as minhas pênas.

— Eu não! disse êle em resposta ao pedido do pato. Este guarda-chuva é particular, só meu, feito de tamanho exáto para cobrir as minhas orelhas e os meus bigodes da chuva. Estou á procura de todos os peixes que nadam. Você póde me indicar o caminho?

O pato e a galinha entreolharam-se. Então piscaram um para o outro e o pato disse:

— Acompanhe-nos, bom senhor. Conheço um lugar onde ha centenas de peixes: lambarís, traíras, bagres, dourados, pescadas, robalos, crumátas, jaús, piapáras e que sardinhas saborosas!

O pato foi enumerando os peixes de um fôlego só. O gato, com a boca cheia de agua só de ouvir falar nêles. acompanhou a galinha e o pato.

Andaram até o fim da estrada e lá êles encontraram os patinhos nadando calma e seguramente sózinhos, porisso não tinham com que se ocupar senão ensinar o gato.

— Chegámos, cacarejou a galinha.

— Aqui o senhor ha de encontrar lambarís, traíras, bagres, dourados, pescadas, robalos, crumátas, jaús, piapáras e que sardinhas saborôsas!

Ouvindo isso, o gato, segurando o guarda-chuva verde faceiramente na ponta recurvada do seu rabo e com os dois pares de galochas nos pés, entrou diretamente na reprêsa e foi imediatamente para o fundo.

Quando êle subiu á tona, o seu guarda-chuva estava flutuando em direção á corrente do moinho, e teve de sacudir as galochas dos seus pés antes de poder alcançar um galho debruçado sobre a agua, que o ajudou.

Ele voltou para a sua casa mais ajuizado e depois disso sempre dava ao seu gato-cozinheiro o rabinho do seu peixe. E desde que isso aconteceu no País das Histórias, todos os gatos sacodem as suas patas quando as molham, por menos que seja.

A BOLINHA AZUL

— Nunca, nunca mais hei de brincar com Guilherme, em toda a minha vida! declarou Chiquinho, ao entrar na sala de estar.

— Mas que foi que o Guilherme lhe fez agora? perguntou Silvio, o irmão mais velho de Chiquinho, sentado numa grande poltrona perto da janela.

— O que o Guilherme fez? exclamou Chiquinho agitado. Tenho até vergonha de contar!

Silvio depôs a revista que estava lendo e olhou admirado para o seu irmão.

— Não posso imaginar o Guilherme fazer uma coisa tão má assim!

— Ele sempre faz coisas dessas, respondeu Chiquinho. E desta vez... ora, uma vez que você quer saber a verdade, êle... êle tirou a minha bolinha azul.

— Você tem certeza do que está dizendo? perguntou o irmão mais velho, pausadamente. Você sabe que é muito feio acusar alguem injustamente. Você viu o Guilherme tirar a bolinha?

— Não, admitiu Chiquinho ásperamente. Mas mesmo assim eu sei que êle a tirou. Nós estavamos jogando bolinhas no quintal e quando eu ia começar uma partida, mamãe me chamou e eu vim para casa. Quando voltei não achei a bolinha, nem Guilherme. Logo êle voltou e disse que a mãe o tinha chamado para fazer um serviço, e fingiu estar tão surpreendido quanto eu com o desaparecimento da bolinha. Eu não acredito que a mãe dêle o tenha chamado para casa, não acredito! resmungou Chiquinho. Só acredito que êle foi-se embora todo aquele tempo, para procurar um bom lugar onde esconder a minha bolinha azul de modo que eu não possa encontrá-la. Mas hei de achá-la e então vou dizer ao Guilherme o que penso dêle.

— Então você ainda não disse nada a êle? perguntou Silvio.

— Claro que disse! replicou Chiquinho. Eu lhe disse que era melhor êle procurar a minha bolinha, se quisesse ser meu amigo e... mais ainda... que não havia de brincar mais com êle enquanto êle não a achasse.

Uma voz da cozinha, chamando, interrompeu a conversa. Num instante Silvio tinha esquecido a questão, mas Chiquinho, pelo contrario, enquanto ajudava sua mãe na cozinha, ia ficando cada vez mais zangado com o acontecido e impertinentemente punha toda a culpa em Guilherme.

— Chiquinho, faça o favor de pôr mais carvão no fogão! chamou a mãe, da copa.

E Chiquinho, mesmo de mau humor, pegou logo na lata de carvão. Tinha posto apenas três pedaços no fogo, quando uma coisa azul e brilhante entre os pedaços negros na lata chamou-lhe a atenção. Imediatamente apanhou-a de lá e ficou parado, olhando incredulamente para ela — pois era a sua bolinha perdida!

Num segundo êle se lembrou de que tinha posto a bolinha azul no seu bolso, quando viéra pela primeira vez do quintal e que a tinha numa das mãos quando trouxera o carvão que a mamãe lhe pedira que trouxesse para casa. Compreendendo quanto tinha sido injusto para com o seu amigo, achava dificeis e desagradaveis todas as pequenas tarefas que tinha para fazer.

Afinal êle escapou pela porta de

trás e foi para o grande portão que separava a sua casa da casa de Guilherme. Trepou na grade e olhou ansioso por todo o terreno da casa do vizinho.

Se Guilherme aparecesse por alí, raciocinou Chiquinho, podia e havia de pedir-lhe perdão. Mas êle esperou em vão, porque o amiguinho não deu sinais de vida.

De repente uma coisa estranha e nova, fixou-se no coração do menino. Ele desceu para o chão, foi dirétamente para a casa de Guilherme e chamou-o para falar-lhe.

— Guilherme, disse êle, reünindo toda a sua coragem. Eu quero pedir perdão. Fiz máu juizo de você esta tarde, e sinto muito. Peço que me desculpe.

— Ah, não faz mal, Chiquinho, respondeu o menino, mas não havemos de sossegar enquanto não tivermos achado a bolinha perdida.

— Foi por ter achado a pedra que eu reconheci a verdade, respondeu Chiquinho. Mas de uma vez por todas, Guilherme, prometo-lhe que nunca mais você me verá repetir tal ofensa. Aprendi bem a lição.

De fáto, apesar de muitas coisas estranhas terem-se passado entre os dois meninos, depois disso, Guilherme sempre se recordava do incidente da bolinha azul e seguia o seu próprio conselho.

BRINQUEDOS E JOGOS

(As crianças devem estar deitadas no chão. Estes jogos ensinam as crianças a contrair os seus abdômens e a endereitar as costas).

O Livro

As crianças deitam-se no chão com os braços aos lados e as pernas juntas, cada qual fingindo ser um livro fechado e tentando estar tão chata como um livro, encolhendo o abdômen e endireitando bem as costas sobre o chão. Então recita-se o seguinte verso:

"João deitou seu livro sobre o chão.
Abre as folhas—Um, dois, tres, quatro.
Fecha as folhas—Quatro, tres, dois, um.
Já fechou-o novamente—Pronto então!"

Enquanto se dizem as palavras: "um, dois", as crianças levantam os braços para trás, um de cada vez. Enquanto se dizem as palavras "tres, quatro" as crianças esticam as pernas para os lados, uma de cada vez. Quando os braços e as pernas estão assim abertos o "livro" tambem está aberto.

Enquanto se dizem as palavras "quatro, tres, dois, um", as crianças tornam a mover os braços e as pernas á primeira posição um de cada vez. Quando a criança tem os braços aos lados e as pernas juntas o livro está fechado. Durante todo o jogo deve-se conservar o abdômen contraído.

O Homem de Elastico

Deitada no chão, com os braços estendidos acima da cabeça, o queixo para dentro, e as costas bem achatadas contra o chão, cada criança faz de conta que é feita de elastico, e procura esticar-se tanto quanto póde para ficar o mais comprida possivel. Com as costas sempre tocando o chão, as crianças devem expandir o peito, e esticar bem as pernas enquanto se diz o seguinte versinho:

"Vê o homem de elastico, engraçado,
A esticar-se todo, com cuidado,
Estica até ficar comprido,
Larga e tudo é repetido".

Bonecas de papel coladas no chão

Cada criança deita-se no chão com os braços estendidos aos lados e as pernas bem direitas e esticadas e fingindo ser uma boneca de papel deitada no chão. Contraíndo os musculos do seu abdômen a criança póde fazer a parte inferior das suas costas tocar no chão. Pódem fazer de conta que estão precisando de mais grude para colar essa parte ao chão.

As Duas Ancoras

Sinopse

As Duas Ancoras é um hotel, assim chamado por causa das duas grandes âncoras que encimam os pilares da sua entrada, situado numa parte quasi inhabitada da costa do Rio Grande do Sul, onde pouca gente vai passar o inverno. Porisso, Marcela Diniz, filha do dono fica muito satisfeita quando Mario e Gilda Neves, meninos de sua idade, vêm passar o inverno no hotel, com seus pais. No dia seguinte ao da sua chegada, ela leva-os para visitar um seu amigo, Herminio Siqueira, que mora entre as dunas e tem um museu de curiosidades marinhas. E' estimado por todos, mas ninguem sabe realmente qualquer coisa a seu respeito. No entanto, Marcela e seu pai tinham-no ouvido tocar admiravelmente, num violino Stradivarius que êle conservava num estojo pendurado na parede. Quando as crianças chegam á sua casa, a porta está aberta mas nem sinal do velho.

Temendo que algum mal lhe tenha acontecido, elas seguem as suas pegádas no caminho arenoso até certo ponto onde Marcela, espiando por entre uns arbustos donde se vê o pântano, recúa horrorizada.

Capitulo IV

Mario e Gilda não esperaram por um segundo convite, mas afastaram Marcela e espiaram entre os arbustos. E êles tambem recuaram com susto e com surpresa.

— Quem... quem é ? Gilda balbuciou, com o rosto muito pálido. E que será que êle tem ?

— E' o ermita, não ha duvida ! Marcela gaguejou. E creio que êle está ferido... ou doente. Está deitado, lá no pântano... não pude ver o seu rosto... mas suas mãos estavam agarrando os arbustos, como se êle estivesse tentando evitar afundar-se na areia. Com certeza Botas soube que êle estava lá. O Snr. Siqueira gosta muito dêle e sempre lhe faz mimos. *Que* havemos de fazer ?

Novamente os tres enfiaram as cabeças entre os arbustos e viram o gato correr para perto do homem prostrado á beira do pântano.

— Só podemos fazer uma coisa, Mario declarou ; é irmos depressa ver o que êle tem e depois procurarmos socorrê-lo, em vez de estarmos parados aqui, só falando.

As crianças entraram depressa no mato e correram para o lado do vulto silencioso no pântano. Uma nova surpresa os esperava ao se aproximarem, pois viram logo que o ermita não estava *deitado* sobre o chão, como antes tinham suposto, mas estava atolado quasi até a cintura no lodo, o que explicava o desespêro com que êle se agarrava ao forte arbusto que crescia na margem da terra firme. Via-se que tinha lutado freneticamente para livrar-se. Naquele momento êle parecia inconciente, apesar de ainda estar agarrado ao arbusto. Marcela inclinou-se cautelosamente e tocou-lhe a fronte com a mão. Ele não demonstrou ter sentido a mão da menina, por isso ela chamou :

— Snr. Siqueira ! Snr. Siqueira ! O que aconteceu ? Deixe-nos ajudá-lo a sair daqui.

Afinal, ouvindo a voz de Marcela, o ermita abriu os olhos, estremeceu e olhou atordoado, mal reconhecendo a menina que vinha salvá-lo.

— Eu acho... acho que torci o meu pé. Caí... caí e rolei até aquí. Depois não pude sair daqui... meu pé dói tanto... fui afundando, afundando... gritei e chamei até ficar rouco. Este arbusto... foi o que me ajudou. Eu já tinha perdido as esperanças.

Depois, tornou a fechar os olhos, completamente exhausto. Então foi Mario quem se constituiu mestre de cerimonias e encarregou-se de dominar a situação.

— Bem, senhor, anunciou êle reanimadoramente, não se preocupe. Nós estamos aquí e vamos ajudá-lo a sair da lama, com cuidado, para não machucá-lo.

Mais uma vez o ermita abriu os olhos e sorriu, procurando mostrar assim a sua gratidão.

— E' muita bondade sua, disse êle ; não tenho mais forças para me segurar por muito tempo, senão eu lhes diria para irem buscar socorro de casa. Mas talvez seja melhor ir. Um de vocês ... vá a minha casa, procure uma corda, fóra nos fundos do barracão. Traga-a depressa. Logo que voltar, eu lhe ensinarei o que fazer depois.

— Eu sei onde a corda está ! Marcela exclamou.

E saiu correndo pelo atalho arenoso, para buscá-la. Ela voltou depois de cinco minutos que pareciam horas ao velho e ás crianças que a esperavam.

Então o ermita mandou-os fazer um laço com a corda, passá-lo sobre os seus ombros, para baixo de seus braços e amarrar a outra ponta seguramente as arbusto forte mais proximo.

Feito isso, êle tentou soerguer-se com o auxilio da corda enquanto as tres crianças o ajudavam como podiam, levantando-o pelos braços e tirando-lhe os pés da lama. Uma vez êle gritou de dôr quando Mario puxou-lhe o pé machucado com força demais. A luta parecia interminavel e quasi desesperadora, porém afinal o lodo faminto soltou a sua presa, e o ermita foi deitado ofegante, mas salvo, sobre a terra firme. Depois apareceu o problema de como

transportá-lo á sua casa. Era evidente que êle não podia andar e que as crianças não podiam carregá-lo. Foi o expediente Mario quem, mais uma vez, resolveu o problema.

— Se o senhor nos deixar ir buscar um cobertor da sua cama, êle sugeriu, creio que seremos capazes de carregar ou puxar o senhor nêle, de modo a não machucá-lo muito.

O ermita concordou. Marcela e Gilda correram para o casebre e acharam um cobertor grande e grosso na cama, no unico quarto da casa. A volta para casa, com o ermita deitado no cobertor foi uma tarefa penosa e dificil, exigindo todos os esforços das tres crianças, porém enfim, êle chegou á sua casa e foi deitado na sua cama, enquanto Marcela, dirigida por êle, punha compressas de agua fria sobre o tornozelo inchado e dolorido. Até então êle não tinha dado qualquer explicação de como chegára a sofrer tão estranho e quasi trágico acidente, e as crianças muito cortêsmente abstiveram-se de fazer-lhe perguntas. Depois dêle estar acômodado, o mais confortavelmente possivel, elas ficaram hesitantes, sem saber o que fazer, até que Marcela alvitrou :

— Acho que é melhor nós irmos para casa e contarmos tudo a papai ; êle póde chamar um medico para tratar

do seu pé e ver o que se deve fazer pelo senhor.

Porém, para maior surpresa das crianças, o ermita soergueu-se, apoiado num cotovêlo e, calma porém firmemente, recusou o oferecimento.

— Obrigado, Marcela, disse êle fracamente ; obrigado, tambem a vocês dois que não conheço, por tudo que fizeram por mim. O fáto é que vocês me salvaram a vida, porque eu já estava quasi entregue ; e minha voz estava tão rouca que eu não podia mais gritar. Mas acho que não preciso de medico. Não tenho a perna quebrada, estou certo disso ; só tenho o tornozelo torcido. Eu sei tratá-lo sózinho, porque sei um pouco de medicina e sou capaz de fazer tudo que for necessario, eu mesmo.

— Mas como é que o senhor vai andar ? Marcela perguntou. Não deve pisar no pé machucado, eu sei, e tambem não pode ficar sempre deitado na cama.

— Oh, eu estou preparado para tudo, respondeu o velho, sorrindo ao ver a preocupação da menina, como vou mostrar-lhe já. Uma vez encontrei um bom par de muletas na praia, uma das quais estava rachada e quebrada em baixo. Concertei-a e o par está agora no museu. Quer ir buscá-las para mim, Marcela ? Com elas estarei independente, pois poderei andar sem ter de pisar no pé machucado.

Marcela fez conforme o velho lhe disse e pôs um par de sólidas muletas ao seu lado.

— Agora estou bem munido, êle declarou ; e quando eu estiver mais descansado vou amarrar firmemente o meu tornozelo e andar de muletas para preparar o meu almoço.

— O senhor quer que eu lhe prepare o almoço ? Marcela ofereceu.

Porém êle recusou tambem essa oferta, dizendo que não estava com vontade de comer e que preferia almoçar mais tarde.

— Então, acho bom nós irmos, disse Marcela ; mas quando papai voltar eu lhe falarei do seu acidente e êle virá com certeza para ver se o senhor precisa de alguma coisa. Até logo !

Por alguma razão desconhecida, essa ultima sugestão pareceu perturbar inesperadamente o ermita, porque êle ergueu-se novamente sobre o cotovelo e gritou :

— Espere, espere ! Por favor, ha uma coisa que lhe peço que não faça. Eu sei que é muito esquisito eu pedir-lhes tal coisa, mas peço-lhes que não côntem a ninguem nada do que me aconteceu hoje, se querem fazer-me um grande favor. Não posso explicar porque lhes peço isso, mas suplico-lhes que me façam a vontade, guardando segredo de tudo que me diz respeito neste caso. Isso é muitissimo importante, para mim. Digam-lhe que torci o pé, se quiserem, e que ficarei muito agradecido se êle puder vir me visitar e comprar-me alguns generos de que preciso enquanto eu estiver aleijado. Mas não digam nada a respeito do... do resto. Vocês prometem ?

Ele parecia tão ansioso, tão desesperadamente perturbado com o caso, que êles todos murmuraram uma promessa e êle recostou-se aliviado nos seus travesseiros.

— E creiam-me, disse êle, que nunca me esquecerei enquanto eu viver, de tudo que vocês fizeram por mim hoje.

Solêne e profundamente impressionados, êles todos disseram adeus e sairam do pequeno casebre, encontrando Botas fóra, á sua espe-

ra, encolhido num canto ensolarado perto da porta. Nenhum dêles falou uma unica palavra, até que chegaram á praia, donde não podiam ser ouvidos pelo ermita na sua casa.

Então suas linguas se desataram e êles começaram a perguntar um ao outro qual era, afinal, o significado de tudo aquilo. Mario e Gilda esperavam que Marcela lhes désse uma explicação, pensando que ela sabia mais do que êles a respeito do esquisito velho. Porém Marcela estava tão informada quanto êles.

— Não perguntem a *mim!* declarou ela, enquanto andavam para o hotel. Não posso compreender porque êle não queria que contassemos a ninguem como e onde o encontrámos... nem porque êle torceu o pé e ficou atolado no pântano. Parece esquisito eu não poder contar tudo ao papai, mas uma vez que prometemos, devemos ficar quietos. De qualquer modo, o caso não é da nossa conta.

— Mas tudo, o caso todo, é muito esquisito, interessante! Mario comentou. No entanto, gostei do homem. Achei-o bem simpático. Creio que nós o magoámos horrivelmente quando fomos tirá-lo do pântano e trazê-lo para casa, e êle não gemeu senão uma vez, quando sem querer puxei o pé machucado com muita força. E' até bonito, com aqueles cabelos brancos, ondulados e com uns olhos tão meigos. *Gostei* bastante dêle!

— Gostei da casa dêle, tambem, confessou Gilda. Eu não trabalhei como você e Marcela, porisso tive tempo de olhar a casa. E' tão confortavel e bem arrumada! Foi êle quem fez toda a mobilia?

— Sim, replicou Marcela, êle fez tudo, peça por peça; tem uma porção de ferramentas num barracão nos fundos do quintal e com elas faz coisas lindas. Uma vez êle me fez um banquinho muito bonito; está no meu quarto. Mas vocês repararam na linda caixa, com porta de vidro, pendurada na parede? Ele guarda um violino dentro dela. Pois foi êle quem fez a caixa. Levou mêses para acabá-la, polindo-a e trabalhando-a com cuidado. Foi feita especialmente para o violino. E' um violino tão antigo e bonito — o Snr. Siqueira disse que é um violino muito raro e precioso — que precisava de uma caixa digna do seu valor. Devia ser uma caixa que preservasse da humidade e que ao mesmo tempo mostrasse o instrumento, por isso êle fez a porta de vidro. Está sempre fechada á chave. Vocês notaram?

— Eu não notei, disse Mario, porque estava muito ocupado, ajudando você.

— Pois eu notei, declarou Gilda. Mas vou contar uma coisa que ha de surpreendê-los. Vi a caixa muito bem, mas a porta de vidro estava aberta, e não havia nenhum violino dentro dela, estava vazia! Achei um pouco esquisito — um estojo daqueles, vazio e com a porta aberta, mas não quis dizer nada a respeito daquilo.

Com essa informacão inesperada e surpreendente, Marcela parou no meio do caminho e soltou uma exclamação de susto e de surpresa.

— Você viu o estojo — sem o violino dentro — e com a porta aberta? disse ela aflita. Eu nem reparei! Estava ocupada procurando tratar do pé do Snr. Siqueira. Mas então onde *podia* estar? Não estava no quarto quando entrámos e saimos; tambem não estava no museu, senão eu teria visto. *Onde* será que está?

— Sei lá! disse Gilda rindo. O que mais me intriga é: será que o ermita sabe que o violino não está lá?

— Ora essa! exclamou Mario. Talvez seja justamente por isso que êle está tão perturbado!

(*Continúa no numero de Março*)

Cartas a Zézinho

UMA VIAGEM EM REDOR DO MUNDO

Querido Zézinho,

Na minha ultima carta contei-te algumas de nossas aventuras em Bagdad, e nesta vou contar-te mais outras coisas interessantes que nos aconteceram lá.

Sabes, ha um rio enorme em Bagdad, que se chama o Tigre. E' muito largo e caudaloso. Os arabes têm a especie de barco mais engraçada, chamada gufa. *E o barco é tão esquisito quanto o nome.*

Um dia fomos convidados a uma grande assada de peixe no rio. Essa especie de convescote chama-se um muss-guf. *Havia sete grandes salmões amarrados a uma corda caida na agua, de um lado do nosso barco. Quando chegámos ao grande jardim de rosas, onde iamos comer, todos saltámos para a margem. Estava ficando bem escuro, mas os dois cozinheiros fizeram uma grande fogueira e começaram a limpar os peixes. Depois de abrí-los no meio das costas de alto a baixo passaram sal e toda a especie de temperos deliciosos e os colocaram em espetos compridos para assá-los na fogueira. Quando estavam quasi assados foram cobertos com rodelas de tomates e cebolas.*

Depois de prontos, foram colocados numa grande bandeja e levados para o lindo jardim onde estavamos brincando ao luar. Tivemos de comer com as mãos, e assim todos nós tiravamos grandes pedaços da carne branca e suculenta e os comiamos com pedaços de conserva, de pepino fresco e azeitonas oleosas sêcas. O peixe estava muito quente e tinhamos de comer depressa para não queimarmos os dedos. Tu não pódes imaginar como estava gostoso e quanto nós comemos!

Quando iamos voltando para casa nessa noite, avistei uma chamazinha descendo o rio. Fiquei pensando no que poderia ser, pois eu não via nenhum barco. Perguntei o que era e disseram que um santo havia sido enterrado nas margens do Tigre, não muito longe dali. Muita gente acredita que êle atende ás suas orações. Então acendem uma vela, prendem-na a uma tábua e fazem-na flutuar no rio para ser levada ao lugar onde o santo foi enterrado. E' uma especie de oferta de agradecimento.

Eu queria que estivesses conosco, Zézinho, quando partímos para o deserto, afim de passarmos um dia com o Sheik Hassan. Um sheik é o chefe de uma tribu arabe e a tribu do Sheik Hassan é uma das maiores e das mais fortes de todo o país. O lugar onde êle mora chama-se cala, *que quer dizer castelo. Todavia, não se parecia muito com um castelo, pois era apenas um grupo de casas baixas, feitas de barro sêco. Tinhamos viajado durante horas no deserto onde não vimos uma plantinha verde, sequér. Porém quando entrámos para dentro dos muros da sua habitação andámos por um jardim maravilhoso, com centenas de roseiras de rosas vermelhas. Não posso compreender onde*

êle arranjou tanta agua para fazer todas aquelas plantas florescer lá no meio do deserto árido. Quando chegámos, o sheik levou-nos para dentro de uma das casas de barro. Eu pensava que havia de ser um quarto simples, porém todo o chão estava coberto de magnificos tapetes orientais. Eu contei dezenove tapetes grandes!

O sheik perguntou-nos se queriamos ir para o seu hárem, onde as mulheres moram, para conhecermos as suas esposas e ver as joias delas. Ele tem sete mulheres!

O coitado do Papai não pôde ir, porque, como já te disse, as mulheres nunca têm licença de ver qualquer homem, exceto os seus parentes. Sentá-mo-nos sobre grandes almofadas no chão e bebemos chá forte. Diversas das mulheres do sheik poderiam ser bem bonitas se não usassem grandes pendentes de ouro enfiados no nariz, e se não tivessem tatuagens por todo o rosto; mas os arabes acham que assim elas ficam bonitas.

Os filhos do sheik ficaram perto da porta, espiando e olhando para nós. Estavam todos vestidos com sedas de cores vivas e usavam muitas joias. Uma pequena menina entrou e atirou-se justamente no meu cólo. Era um bebé muito engraçadinho, toda vestida, como uma bonequinha, de seda azul e vermelha, bracelêtes de prata nos tornozêlos e nos braços, aneis nos dedos, brincos, e até mesmo uma grande medalha de prata no pescoço para dar-lhe boa sorte.

Então fomos fazer um passeio a cavalo. Sabes que os cavalos arabes são os melhores e os mais ligeiros do mundo? Quando voltámos estava quasi na hora do almoço. Os criados entraram com jarros e bacias de prata e despejaram agua sobre as nossas mãos. Então uma grande toalha foi estendida no meio do quarto, no chão. Não pudemos adivinhar para que era aquilo, mas num minuto, tres homens apareceram na porta, carregando a maior travessa que vi em minha vida. Se ela pudesse ficar de pé ao teu lado acho que seria da tua altura, e estava repleta de comida. Depuseram-n'a sobre a toalha e nós todos nos sentámos em volta dela e puxámos a toalha sobre os nossos pés até os joelhos.

Zézinho, eu nunca vi tanta comida junta, de uma só vez! Aquela travessa estava cheia até formar uma pilha alta de arroz cozido com manteiga e em cima dêle havia grandes pedaços de galinha e de carneiro assado. Tambem havia outras travessas menores cheias,de comida apetitosa em redor da travessa grande no centro, e um grande prato de pudim de leite perfumado com essencia de rosas. O pão arabe é uma especie de panquéca grande, redonda e chata, como couro. Vimos pilhas dêle em volta das travessas e quando os empregados atiraram um para cada pessoa, quasi cometemos um erro terrivel! Pensámos que eram esteiras sobre as quais podiamos nos sentar, porém bem na horinha descobrimos que deviamos pôr a nossa comida em cima dêsses pães.

Nós nem sabiamos como deviamos começar a comer, porque não havia nenhum garfo ou faca por ali. Então nos mostraram como se come á moda arabe. Tinhamos de arregaçar as mangas e enterrar uma das mãos bem no fundo do arroz onde estava bom e quente. Quando tinhamos um bom punhado, o apertavamos um pouco para fazer sair a manteiga e então punhamos o bocado na boca, impelindo com o polegar. Em seguida tomavamos pedaços de carne de carneiro ou metade de uma galinha e puxavamos a carne com os dentes ou com os dedos. Era uma grande lambuzada, mas foi delicioso! Os empregados ficavam lá enchendo os copos com um leite de ovelha, de gosto meio azedo. Eu não gostei muito dêle, mas o Papai conseguiu tomar um pouco. Quando acabámos de comer, os empregados trouxeram agua e toalhas novamente. E nós bem que

precisavamos delas, tambem! Depois dos convidados terem acabado, o sheik e seus tres irmãos e o seu filho mais velho sentaram para almoçar. Eles acham que não é cortês comerem junto com os seus hospedes.

Um dia quando vinhamos voltando para casa, de uma longa viagem no deserto, fomos apanhados por uma terrivel tempestade de areia. O céu, um pouco ao longe, ficou de uma côr amarela engraçada. Então começámos a ouvir o vento soprando. Ia chegando mais e mais perto com um barulho de assobios, esquisito e em pouco tempo estava atirando areia no nosso rosto. Cobrimos as nossas cabeças com os casacos, mas mesmo assim ficámos com os olhos e a boca cheios de areia. Não podiamos ouvir-nos uns aos outros. Não posso compreender de que maneira o nosso guia conseguiu achar o caminho e continuar avançando. Porém êle era arabe, e talvez estivesse acostumado ás tempestades de areia. Levou quasi uma hora para a tempestade passar e só então pudemos tirar as nossas cabeças dos seus esconderijos.

Ha um minarête antiquissimo em Bagdad. Sabes que um minarête é uma torre alta aonde os sacerdotes maometanos sobem, para chamar o seu povo á oração. Um dia o Papai, a Florence, a Beatriz e eu subímos até a pontinha desse minarête, para dali avistarmos toda a cidade. Poucas pessoas têm permissão de subir nêle porque está tão velho e arruinado.

Primeiro tivemos de passar pelo quintal de uma casa. O jumento, as vacas, as galinhas e muitas pessoas estavam lá dentro, todos juntos. Uma escada velha e fraca foi encostada a um lado do predio e tivemos de subir por ela até o telhado. Então a escada foi suspensa atrás de nós e encostada bem direita para cima num lado da velha torre de tijolos. Os degráus da escada estavam tao longe uns dos outros, que Florence quasi não podia alcançá-los. O vento estava soprando com força regular. Suspendia as nossas saias para cima das nossas cabeças e tivemos uns momentos engraçados, procurando segurar as saias e a escada ao mesmo tempo. Quando chegámos em cima tivemos de ficar de pé com todo aquele vento numa pequena borda suja até que o zelador conseguiu tirar a sua grande chave e abrir a porta que rangia.

Um por um nós entrámos e subímos pelas escadinhas estreitas que iam rodando em espiral dentro da torre. Estava escuro como pixe! Cada vez que davamos um passo, levantavamos nuvens de poeira e de penas, pois as pombas faziam os seus ninhos dentro da torre, havia centenas de anos. Os degraus eram irregulares e nós tinhamos de achar o caminho tateando. De vez em quando uma ave descia adejando sobre as nossas cabeças e enchia o ar de tanta poeira que mal podiamos respirar. Pensámos que nunca haviamos de chegar em cima. Quando chegámos, quasi fomos carregados para fóra do terracinho, de tão forte que era o vento! A descida foi pior ainda do que a subida, porque todas as crianças da vizinhança tinham-se ajuntado na rua em baixo para ver-nos.

Sinto-me muito contente quando penso que logo hei de ver o meu Zézinho.

Deus te abençoe meu bem.
Com muito amor da,

MAMÃE

1) Qual é o istmo que liga a America do Norte com a America do Sul?
2) Quem era rei de Portugal quando a republica foi proclamada no Brasil?
3) Como se chama o instrumento que indica as mudanças do tempo?
4) Que é estática em radio?
5) Que cidade grega era famosa pela disciplina dos seus cidadãos?
6) Quem é o General Justo?
7) Qual é o país que compra do Brasil em maior escala?
8) Onde se encontra a caseina?
9) Quem era Cicero?
10) O que é que fazem as abelhas?
11) Qual é a montanha mais alta do mundo?
12) Qual é a substancia mais leve que se conhece?
13) Qual é o nome mais conhecido na literatura espanhola?
14) Quantos dias ficam cegos os gatinhos?
15) E' mais facil nadar em agua doce ou em agua salgada?

RESPOSTAS ÁS PERGUNTAS NO NÚMERO DE FEVEREIRO:

1) Acético.
2) A unidade com que se mede a força da eletricidade.
3) Cascavél, boicorál, jararáca.
4) A parte da frente.
5) A' familia dos répteis.
6) Causa as marés.
7) No equador.
8) Pelo Cruzeiro do Sul.
9) O sol é 64 vezes a lua em tamanho.
10) Tem seis pernas.
11) Vermelho, azul e amarelo.
12) Uma lingua que foi inventada para uso universal.
14) Melodia, ritmo, harmonia.
15) Aluminio.

"O BEM-TE-VI"

F. Haroldo. — *Melodia popular.*

Tempo di Mazurka. (♩=132 o 144).

mf

Eu co-nhe-ço um pas-sa-ri-nho mui bo-ni-to, sem i-gual,
Quan-do o sol ra-dian-te e bel-lo, traz dos mon-tes vae sur-gir,

a-mi-gui-nho dos me-ni-nos que não fa-zem mal.
seu tri-na-do tão sin-ge-lo el-le faz ou-vir.

FINE.

Bem-te-vi, bem-te-vi, can-ta lo-go ao rom-per d'au-ro-ra;

bem-te-vi, bem-te-vi, oh me-ni-no gen-til!

D. C.